

Rasuras digitais e memória digital na escrita acadêmico-científica

Tatiane Henrique Sousa Machado*

Cristiane Carneiro Capristano**

Resumo

Neste artigo, busca-se desenvolver uma reflexão teórico-analítica sobre as rasuras digitais presentes na produção escrita de universitárias, com a finalidade de identificar os modos como se mostram, na atuação da memória digital, as negociações do sujeito-escrevente com os diferentes Outros constitutivos do (seu) dizer. Tem-se como ponto de partida uma perspectiva enunciativo-discursiva de linguagem, de língua e de escrita, alicerçada na confluência de contribuições teóricas de estudos sobre a rasura (por exemplo, Calil, 2004; 2006; Capristano, 2013; Machado, Capristano e Jung, 2019; estudos sobre os gêneros do discurso (Bakhtin, 2003; Komesu, 2014); estudos sobre memória digital (Dias, 2018); e estudos sobre as heterogeneidades enunciativas (Authier-Revuz, 1990; 1998; 2004). O *corpus* foi composto por 130 rascunhos digitais de resenhas acadêmicas, produzidas por alunas de um curso de Pedagogia. A análise das rasuras digitais identificadas nesses rascunhos foi desenvolvida de forma quanti-qualitativa, inspirada em princípios do Paradigma Indiciário (Ginzburg, 1983). Foram identificadas e analisadas 614 rasuras digitais. Como resultado, foi possível sustentar a hipótese de partida de que as rasuras digitais funcionam como movimentos retrospectivos que sinalizam o sujeito negociando com diferentes Outros na constituição do (seu) projeto de dizer. Nessa negociação, é possível inferir a atuação da memória digital que acomoda os sentidos algoritmizados, mas, também, a possibilidade de ruptura, dada a diversidade social e histórica dos sujeitos que enunciam, da língua e da escrita.

Palavras-chave: rasura digital; memória digital; alteridade; escrita acadêmico-científica.

* Universidade Estadual do Paraná (UNESPAR). Doutora em Letras pela Universidade Estadual de Maringá – UEM, Maringá, Paraná. Professora Adjunta da Universidade Estadual do Paraná (UNESPAR). Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-4873-5239>.

** Universidade Estadual de Maringá (UEM). Doutora em Linguística Aplicada pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). Professora Associada da Universidade Estadual de Maringá (UEM). Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-1225-5716>.

Digital erasures and digital memory in academic-scientific writing

Abstract

This paper seeks to develop a theoretical-analytical reflection on the digital erasures found in the written production of university students, with the aim of identifying the ways in which, in the performance of digital memory, the subject-writer negotiates with the different constitutive Others of (his/her) saying. The starting point is an enunciative-discursive perspective on language and writing, based on the convergence of theoretical contributions from studies on erasure (for example, Calil, 2004; 2006; Capristano, 2013; Machado, Capristano e Jung, 2019); studies on discourse genres (Bakhtin, 2003; Komesu, 2014); studies on digital memory (Dias, 2018); and studies on enunciative heterogeneities (Authier-Revuz, 1990, 1998, 2004). The *corpus* was composed of 130 digital drafts of academic reviews produced by students on a Pedagogy course. The analysis of the digital erasures identified in these drafts was developed in a quantitative-qualitative manner, inspired by the principles of the Evidentiary Paradigm (Ginzburg, 1983). A total of 614 digital erasures were identified and analyzed. As a result, it was possible to confirm the starting hypothesis that digital erasures function as retrospective movements signal the subject negotiating with different Others in the constitution of (their) project of saying. In this negotiation, it is possible to infer the workings of the digital memory that accommodates algorithmized meanings, but also the possibility of rupture, given the social and historical diversity of the subjects who enunciate, of language and writing.

Keywords: digital erasure; digital memory; alterity; academic-scientific writing.

Recebido em: 08/04/2025 // Aceito em: 09/09/2025

Introdução

O advento da escrita digital e dos usos da Inteligência Artificial¹ para produção escrita têm alimentado, não raro, um discurso de “maravilhamento”, a partir do qual se confere à tecnologia caráter onipotente. Nesse modo de compreensão da tecnologia, parte-se de uma noção equivocada, atrelada, por exemplo, à ideia de que a escrita realizada por meio de recursos tecnológicos existiria fora de um processo sócio-histórico. Estudos que problematizem a natureza da participação dos recursos tecnológicos na produção escrita do escrevente, o limite da atuação da máquina e os efeitos do imaginário reducionista de língua e de escrita como técnicas, que ecoam da máquina (ou, ainda, dos recursos tecnológicos), são essenciais.

O presente estudo assume uma perspectiva enunciativo-discursiva de linguagem, de língua e de escrita para desenvolver uma reflexão teórico-analítica sobre as rasuras digitais, a fim de contribuir com pesquisas que problematizem o processo de escrita acadêmico-científica mediado por tecnologias e desenvolvido no ambiente universitário. O objetivo principal é analisar rasuras digitais presentes na produção escrita de universitárias, com a finalidade de identificar os modos como se mostram, na atuação da memória digital, as negociações do sujeito-escrevente com os diferentes Outros² constitutivos do (seu) dizer. Subjaz a esse objetivo principal a hipótese de que as rasuras digitais são resultado das negociações do sujeito-

1 Em linhas muito gerais, pode-se definir a chamada “Inteligência Artificial” como uma tecnologia cuja ambição é desenvolver algoritmos e sistemas capazes de processar dados e informações de forma semelhante a capacidades associadas à inteligência humana.

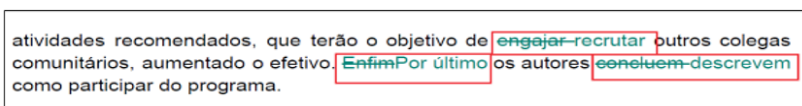
2 A opção por “Outros”, com maiúscula, é resultado da filiação das reflexões feitas neste artigo à interpretação de Authier-Revuz (1990; 2004, dentre outros), no campo das teorias do discurso, à luz das contribuições da psicanálise lacaniana: o Outro é aqui e lá entendido como o discurso do inconsciente, lugar de onde emanam as determinações simbólicas da história do sujeito.

escrevente com as alteridades que o constituem e moldam a (sua) escrita. Neste estudo, atenção especial é dada às relações de alteridades mostradas na produção de uma resenha acadêmica, no âmbito de uma prática de letramento acadêmico-científica.

Para o desenvolvimento da reflexão teórico-analítica aqui proposta, agenciam-se contribuições teóricas de estudos sobre a rasura (por exemplo, Calil, 2004 e 2006, dentre outros; Calil; Felipeto, 2008; Capristano, 2013; Machado, 2014; dentre outros); de estudos sobre os gêneros do discurso (Bakhtin, 2003); estudos sobre memória digital (Dias, 2018); e, principalmente, estudos sobre as heterogeneidades enunciativas (Authier-Revuz, 1990; 1998; 2004). O *corpus* do estudo foi composto por rasuras digitais emergentes em rascunhos de resenhas acadêmicas produzidas por alunas matriculadas no 1º ano de um curso de Pedagogia (presencial), de uma instituição de ensino superior privada³.

As rasuras digitais são aqui entendidas como retornos do sujeito escrevente sobre o seu próprio dizer (gestos retrospectivos⁴), realizados por meio do amparo e dos limites de tecnologias digitais, como ilustrado da Figura 1:

Figura 1 – Rasura digital



atividades recomendados, que terão o objetivo de ~~engajar-recrutar~~ outros colegas comunitários, aumentado o efetivo. ~~EnfimPor último~~ os autores ~~enenuem-descrevem~~ como participar do programa.

Fonte: Dados da pesquisa.

O exemplo contido na Figura 1 refere-se a um excerto de uma produção textual escrita por meio de um editor de textos pertencente a um pacote de aplicativos conhecido como

³ A reflexão desenvolvida neste artigo é um recorte e uma expansão de uma pesquisa (Machado, 2021).

⁴ Os movimentos retrospectivos do sujeito sobre a (sua) escrita envolvem também a atuação de movimentos prospectivos, uma vez que ambos fazem parte da constituição do dizer, contudo, para este artigo, examina-se somente os movimentos retrospectivos.

*Google Docs*⁵. Essa ferramenta tecnológica permite que seu usuário redija textos no ambiente digital e faça alterações das mais diversas naturezas, por meio de diferentes recursos (recortar, colar, substituir, inserir etc.). As alterações podem ser recuperadas por meio do histórico de versões (salvo automaticamente pelo aplicativo) que é armazenado pela própria ferramenta, denominado de rascunho digital. Na Figura 1, destacam-se as alterações feitas nas palavras “engajar”, “Enfim” e “concluem” que se encontram tracejadas em função de terem sido excluídas e substituídas por “recrutar”, “Por último” e “descrevem”, em operações de substituição. Essas alterações, feitas por meio desse editor de textos e recuperadas pelo histórico de versões (rascunhos digitais), constituem o objeto de investigação deste estudo e serão aqui nomeadas, como antecipado, como rasuras digitais.

Além desta Introdução e das Considerações Finais, este artigo conta, ainda, com as seguintes seções: na seção subsequente, apresenta-se a noção de memória digital e procura-se mostrar a importância dessa noção para o exame e compreensão das rasuras digitais; depois, na seguinte seção, particulariza-se a discussão, fazendo uma breve exposição dos estudos sobre rasuras, a fim de delinear o que se pode entender por rasura digital, no campo dos estudos da linguagem; posteriormente, na seção intitulada “Rasuras digitais: como e para onde olhar”, apresenta-se a metodologia adotada, bem como os passos metodológicos que permitiram o exame das rasuras; e, por fim, na seção que antecede as Considerações Finais, são mostrados os resultados da análise aqui empreendida.

5 O *Google Docs* é um serviço gratuito da *Google*, vinculado ao *Google Drive*, mecanismo de armazenamento de arquivos no disco virtual. Com esses recursos, o escrevente pode escrever, compartilhar arquivos com outros usuários, bem como definir o nível de permissão de acesso de outras pessoas aos arquivos. De modo geral, é possível editar os arquivos on line, visualizá-los, bem como acessar o histórico de alterações realizadas.

Escrita e memória digital

A escrita mediada por recursos tecnológicos impõe injunções oferecidas pelos mecanismos algoritmizáveis que simulam uma des-historicização da linguagem, da língua e da escrita por meio de um construto técnico. Esse construto, por sua vez, ancora-se em uma visão de língua lógico-matemática de acúmulo e de repetição do mesmo, conforme definições programadas pela Inteligência Artificial (Dias, 2018). Todavia, também abre espaço para um lugar de contradição, onde o sentido escapa à estrutura totalizante da máquina, saindo do lugar da repetição e inscrevendo-se no funcionamento do interdiscurso (Dias, 2018).

Para Orlandi (2012), a escrita digital produziria um mito de que “quanto mais, melhor”, apagando as especificidades e, algumas vezes, promovendo a uniformização do dizer. Ou seja, ocorreria um falso empoderamento do escrevente (na acepção de usuário da tecnologia), em que tudo lhe estaria acessível (correções, conteúdos), cabendo-lhe somente “controlar” o seu dizer, conforme recursos ofertados pela máquina.

Oliveira Neto, Tonin e Prietch (2010) destacam que, na linguagem algorítmica, o sistema computacional interpreta uma sequência da linguagem natural, por meio da análise de informações morfológicas (parte das palavras ou expressões isoladas, analisadas com auxílio dos delimitadores, como pontuação e espaço em branco), lexicais (estrutura e classificação de palavras), sintáticas (nível de agrupamento de palavras, regras gramaticais para gerar uma estrutura árvore) e semânticas (sentido de palavras reagrupadas) armazenadas. Os autores acrescentam que o nível semântico se constitui como o mais complicado, por envolver informações morfológicas,

sintáticas e informações pragmáticas vinculadas à ambiguidade, dificilmente mapeadas pelo sistema. Nau *et al.* (2017), num estudo com revisor gramatical, por sua vez, descrevem que esse tipo de sistema se organiza por um catálogo de léxico, por um verificador mecânico para identificação de problemas de digitação (excesso de espaços) e verificador ortográfico e gramatical, bem como por regras gramaticais, mapeadas por meio de critérios distribucionais (contexto mínimo, à esquerda e à direita) e regras estruturais. Também para esses autores, o sistema não acomoda questões semânticas e estilísticas.

Diante desse aparato técnico, a textualização produzida via digital seria diferente em relação à memória, pois des-historiciza o sujeito (Orlandi, 2020). Por conseguinte, “um texto produzido em computador e um texto produzido a mão são distintos em sua ordem porque as memórias que os enformam são distintas em suas materialidades: uma é histórica e a outra é formal” (Orlandi, 2020, p. 15). Nesse cenário, essa memória formal, descolada da histórica, é denominada pela autora de metálica, pois lineariza o interdiscurso, reduzindo-o a um pacote de informações, ideologicamente equivalentes, homogeneizando os efeitos. Consequentemente, reproduzindo “o mesmo”, o que culminaria em formulações algoritmizadas e, por hipótese, adequadas de uma língua lógico-matemática ilusoriamente única, reforçando a “vontade da onipotência de um dizer total, onnipresente” (Orlandi, 2012, p. 183).

Somando-se a essas ponderações, Ferragut (2019, p.118), ao tratar da formação algorítmica, considera que, na “formação discursiva que atravessa o algoritmo na relação homem-máquina”, há um sujeito inscrito numa determinada formação discursiva que, ao enunciar, recorrendo ao *Google Docs*, digita, sinalizando

um primeiro movimento de sentidos, mas, antes de encerrar o processo, o *Google* passa a lhe apresentar sugestões (supostas correções), oferecendo-lhe resultados ligados a outros movimentos de sentidos. Os enunciados produzidos nessa ferramenta resultam, então, da relação de sentidos entre sujeitos e máquina algorítmica (ou, ainda, relação entre sujeito e tecnologia). Para o autor, é esse atravessamento presente no processo de escrita no digital que permite a atuação da memória digital.

A memória digital, portanto, não exclui a memória metálica, mas diferencia-se dela, sendo compreendida como “o lugar da contradição, onde a memória escapa à estrutura totalizante da máquina (memória metálica), saindo do espaço da repetição formal e se inscreve[endo] no funcionamento do interdiscurso (memória discursiva)” (Dias, 2018, p. 105). Conforme Dias (2018), a memória digital é historicizada e pode ser reconhecida naquilo que escapa da estrutura totalizante da memória metálica (considerada, por Orlandi, des-historicizada).

Com base nessa concepção de memória, quando o escrevente rasura digitalmente, autorizando, desautorizando ou propondo outros caminhos para o (seu) dizer, sejam eles algoritmizados ou não, o (seu) dizer se inscreve na história. Trata-se, pois, de um dizer que escapa à estrutura totalizante da máquina e se inscreve já no funcionamento do discurso digital pelo trabalho do interdiscurso. As rasuras digitais, como parte da memória digital, são resíduos, sempre historicizados, que acomodariam sentidos sócio-históricos da língua, da escrita e dos sujeitos que enunciam.

Neste estudo, reconhece-se que, ao escrever por meio de recursos digitais, a máquina (aqui compreendida como metáfora das chamadas novas tecnologias) atua na escrita do sujeito, mas não é responsável pelos sentidos produzidos. Orlandi (2020) e

Dias (2018) concebem a atuação imbricada entre sujeito, máquina e discurso, em que seriam confrontados sentidos historicizados e sentidos acumulados, portanto, uma escrita que se constitui entre a memória discursiva e a metálica, entendida aqui, como em Dias (2018), como memória digital. Logo, não há apenas um algoritmo “oferecendo” sugestões ao escrevente, por exemplo, mas também um sujeito em busca de evocar determinados sentidos, em sua ilusão subjetiva⁶, aceitando ou recusando as sugestões que lhes são apresentadas, uma vez que a memória digital é da ordem do histórico e, também, da repetição algorítmica.

Tendo como guia a interpretação de memória digital aqui brevemente esboçada, na sequência, apresenta-se um panorama conciso dos estudos sobre rasura, no campo dos estudos sobre a linguagem, a fim de delinear uma interpretação possível para a expressão rasura digital.

Rasuras digitais

Os estudos sobre rasura em textos manuscritos nasceram na *Crítica Genética*, como exemplificam os trabalhos de Lebrave (1992), Willemart (1998) e Zular (2002), expandindo-se para o campo dos estudos da linguagem, sobretudo para os estudos sobre a escrita da criança, com destaque para os trabalhos de Calil (2004 e 2006, dentre outros), Calil e Felipeto (2008), Capristano (2013), Machado (2014) e Machado e Capristano (2016).

⁶ Em consonância com a perspectiva enunciativo-discursiva da qual se parte neste artigo, entende-se que o sujeito “não é uma entidade homogênea exterior à linguagem, mas o resultado de uma estrutura complexa, efeito de linguagem: sujeito descentrado, dividido, clivado” (Authier-Revuz, 1990, p. 28), ou seja, o sujeito não se configura como a origem/fonte do (seu) dizer e dos sentidos que produz, já que a língua, o inconsciente e a história determinam aquilo que ele pode e deve dizer/escrever, bem como aquilo que ele pode e deve “escolher”. Entretanto, como parte da complexidade da experiência linguageira, o sujeito precisa viver a “ilusão subjetiva” de que controla o seu dizer, esquecendo-se, por um lado, de que não é origem do próprio dizer e, por outro, de que não há relação direta entre pensamento/linguagem/mundo (Pêcheux e Fuchs, 2014 [1975]).

Nesses trabalhos, sobretudo voltados para rasuras em textos manuscritos, não são investigadas operações mecânicas de correção, mas gestos que sinalizam o movimento de retorno do sujeito em relação à (sua) própria escrita e à escrita do Outro, como riscos, traços, rabiscos, grifos, borrões, apagamentos, sobreposições e inserções. Trata-se de momentos nos quais se pode ver que algo na produção escrita do sujeito escrevente (tanto no plano do *dito* quanto no plano do *dizer*, seguindo a proposta de Chacon, 2022)⁷ foi considerado, por ele mesmo, por diferentes razões, inapropriado e precisou ser alterado. No campo dos estudos da linguagem, pode-se dizer que esse movimento de retorno tem sido interpretado, em geral, como fruto da imagem que o escrevente mobiliza sobre a (sua) escrita e a escrita do Outro, momentos em que, em sua ilusão subjetiva, ele é afetado pelo “não um”, ocupando, como consequência, “uma posição de domínio, de exterioridade, em relação ao seu dizer, posição exterior ‘dominante’ a partir da qual ele poderá objetivar o dizer” (Authier-Revuz, 1998, p. 85).

Dadas as características do texto produzido por meio de recursos tecnológicos digitais⁸, bem como a existência de programas/aplicativos, como o *Google Docs*, que permitem a análise de rastros do processo de escrita, a Crítica Genética⁹ e alguns pesquisadores no campo dos estudos da linguagem

7 Do ponto de vista metodológico, segundo Chacon (2022), a escrita pode ser estudada a partir de dois planos distintos e convergentes: o plano do dito e o plano do dizer. O primeiro refere-se a características percebidas como mais estritamente linguísticas como o som, as palavras, as frases e significados, abarcando, portanto, as dimensões fonético-fonológicas, morfológicas, sintáticas e semânticas da língua. O segundo plano (o do *dizer*), por sua vez, concerne a características da escrita quando vista como um fato de linguagem. Nesse plano, entrariam em jogo características como as relações intersubjetivas, as demandas contextuais e os campos de saber/dizer, portanto, aquilo que poderíamos supor como as dimensões enunciativas, pragmáticas e discursivas da escrita (cf. Chacon, 2022).

8 Para uma discussão sobre as características dos documentos digitais, produzidos por meio de recursos tecnológicos, conferir os trabalhos de Erway (2010) e Salarelli; Tammaro (2008).

9 Crítica Genética, surgida no final da década de 60 na França, é uma área de estudo que se dedica a analisar o processo de produção de uma obra, analisando seus rascunhos, visando definir o processo de criação de textos, com particular atenção para os textos literários.

começaram a se interessar pelas rasuras emergentes em outros suportes diferentes do manuscrito. Na Crítica Genética, são ilustrativos desse interesse o trabalho de Góes (2018) sobre vídeos e legendas filmicas geradas por programas específicos capazes de gravar o percurso de criação; o trabalho de Silva (2013), sobre o processo de criação de um roteiro; e o trabalho Ferrari (2016) sobre o dossiê de documentos de processos digitais. No campo dos estudos da linguagem, de modo mais ou menos inaugural, Machado, Capristano e Jung (2019) e Machado (2021), analisaram rasuras digitais, recorrendo também a um histórico de versões da produção de uma resenha escrita por meio da ferramenta *Google Docs*.

Seguindo a trilha aberta pelos trabalhos supracitados, este estudo também se volta para os estudos das chamadas “rasuras digitais”, entendendo-as não são meros desajustes a serem extirpados do documento em produção, mas, sim, como movimentos retrospectivos do sujeito sobre o seu próprio dizer, resgatados por meio de recursos tecnológicos digitais, que permitem visualizar parte do processo de escrita – no caso deste estudo, no histórico do *Google Docs*. Essas rasuras são oriundas de um documento eletrônico (estão/são acessíveis pelo computador), bem como sua codificação se dá em dígitos binários acessados pelo computador, já que “nascem em meio digital, não trafegam ao longo do percurso gerador da obra pelo meio tradicional” (Cirillo, 2012, p.153).

A existência de rasuras digitais está fundada no fato de o computador (e outros aparelhos, como smartphones) ter recursos, como o histórico de versões e marcações de alterações do *Google Docs*, que permitem resgatar marcas visíveis de alterações ao longo da produção escrita (Willemart, 2008). Portanto, entende-se que

escrever utilizando teclado não exclui a possibilidade de realizar apagamentos, substituições, deslocamentos etc., como na escrita manuscrita, nem mesmo apaga os rastros do processo de escrita. Contudo, diferente do lápis e da caneta, os recursos tecnológicos digitais podem contribuir para a emergência de outras formas de alteração e para a recorrência de um tipo de alteração em relação a outro. Por exemplo, na escrita no computador, o deslocamento, também presente na escrita manuscrita, seria facilitado devido à característica de flexibilidade e de simulação dos textos produzidos por meio de recursos digitais (*cf.* Salarelli, Tamaro, 2008).

Com base nas ponderações feitas até aqui e considerando proposições de Authier-Revuz (1990, 1998, 2004, dentre outros) sobre as heterogeneidades enunciativas, pode-se afirmar que as rasuras digitais, como as rasuras manuscritas, são materialmente reconhecidas nos diferentes movimentos de retorno do sujeito sobre a (sua) escrita, ou, ainda, nas diferentes formas de negociação (por denegação) do sujeito com a constituição da (sua) escrita, feitas com o amparo de alguma tecnologia digital. Em termos de funcionamento linguístico-discursivo, elas são pistas da divisão enunciativa do sujeito escrevente e da (sua) escrita. Contudo, ainda que guardem semelhanças com as rasuras manuscritas (que não podem ser ignoradas), as rasuras digitais deixam ver uma imbricada e complexa relação entre sujeito, máquina e discurso, bem como o encontro (e talvez o confronto) de sentidos historicizados no/por sujeitos e de sentidos acumulados na/pela máquina.

As rasuras digitais são, assim, também o resultado da atuação de uma memória lógico-matemática (memória metálica), a do algoritmo, que, ao indicar percursos (alterações possíveis para o texto), ao mesmo tempo, bloqueia sentidos,

afetando o movimento, o deslocamento e a historicidade do texto produzido (Orlandi, 2012). Contudo, esse bloqueio não exclui a incompletude e a dispersão de sentidos, nem mesmo invalida as negociações do sujeito escrevente com os diferentes Outros que constituem o dizer, já que o meio tecnológico participa da produção de sentido, que é produzido por discursos e, sobretudo, por sujeitos (Corrêa, 2020).

Após delinear uma possibilidade de entendimento da rasura digital, na próxima seção, apresentam-se a metodologia e os materiais da presente pesquisa.

Rasuras digitais: como e para onde olhar

Do ponto de vista metodológico, a análise das rasuras digitais esteve apoiada numa pesquisa qualitativa, inspirada no Paradigma Indiciário (Ginzburg, 1983)¹⁰, bem como quantitativa, a fim de observar possíveis tendências e regularidades, acreditando, conforme Flick (2009), que esse tipo de integração metodológica pode favorecer a construção de resultados. Dado o caráter auxiliar da pesquisa quantitativa, em consonância com pesquisas que acomodam estratégias metodológicas indiciárias (Rojas, 2012), mesmo os dados episódicos, que poderiam ser negligenciados numa pesquisa quantitativa (devido a sua suposta inexpressividade), também foram explorados na presente pesquisa.

O material de análise foi recolhido, como já sinalizado, de 130 rascunhos digitais de resenhas acadêmicas, produzidas por alunas de um curso de Pedagogia, por meio da utilização do

10 O Paradigma Indiciário é um modelo teórico-metodológico de fazer ciência da historiografia, delineado por Ginzburg (1983).

Esse modo de fazer ciência, teoricamente, nasceu no século XIX, contudo, pode ser observado já no comportamento dos caçadores que buscavam pistas para encontrar sua caça. Nesse paradigma, recorre-se ao método abduutivo, analisando pistas e indícios, que permitam a construção de hipóteses explicativas à luz de um determinado referencial teórico.

recurso tecnológico digital *Google Docs*. Para identificação e seleção das rasuras digitais foram observados: (a) fatores espaciais – se a rasura indicava um retorno¹¹ em relação à direção espacial da Língua Portuguesa (esquerda para a direita); e (b) temporais – dado o registro cronológico da escrita digital recuperável no histórico de versões, observou marcas visuais (texto inserido (cor diferente), texto excluído (tachado), texto anteriormente escrito (cor preta), captáveis pela ferramenta *Google Docs*. Com base nesses critérios, foram encontrados quatro tipos de rasuras digitais, como demonstrado no Quadro 1:

Quadro 1 - Classificação dos tipos de rasura

CRITÉRIO	EXEMPLO
alterações retrospectivas nas quais o escrevente apenas exclui o enunciado, sem inserir um novo enunciado em seu lugar, denominadas de apagamento	A) NÃO É PRECISO SALVAR, O GOOGLEDOCS SALVA AUTOMATICAMENTE.
inserções retrospectivas de material linguístico de diferentes naturezas (pontuação, acento, espaços em branco relativos à palavra, palavras, expressões, parágrafos inteiros etc.), denominadas de inserções	na busca pela igualdade de seus maiores.
alterações retrospectivas nas quais o escrevente exclui e, imediatamente, insere novo enunciado, funcionando, portanto, como uma troca, denominadas de substituições	o livroA obra aborda de forma sintetizada,
alterações retrospectivas nas quais o escrevente, recorta parte do enunciado e, posteriormente, o cola em outro lugar foram considerados deslocamentos	devendo sempre haver sempre um questionamento

Fonte: Dados da pesquisa.

Essa primeira ordenação permitiu a identificação de 614 rasuras digitais. Dessas, 43% (262) pelo gestoW de substituição; 32% (196) por meio de apagamento; 23% (141) por meio de

¹¹ Todas as rasuras examinadas neste estudo foram produzidas sem a interação direta do escrevente com um docente. Elas resultam de mudanças e alterações feitas apenas pelas discentes.

inserção e 2% (15) por meio de deslocamento¹². Em seguida, as 614 rasuras, assim ordenadas, foram organizadas e analisadas quanti-qualitativamente à luz de estudos de Authier-Revuz (1990, 1998, 2004, dentre outros), Bakhtin (2003) e Komesu (2014). As discussões a respeito das heterogeneidades enunciativas de Authier-Revuz (1998, 2004) constituíram o ponto de vista a partir do qual foram feitas a organização e a análise das rasuras. Desse ponto de vista, os estudos de Bakhtin (2003) e Komesu (2014) também foram importantes para essa organização e análise. Do primeiro, destacam-se as discussões sobre as diferentes dimensões dos gêneros discursivos: tema, estrutura composicional e estilo; do segundo importou, em especial, as discussões sobre a noção de suporte.

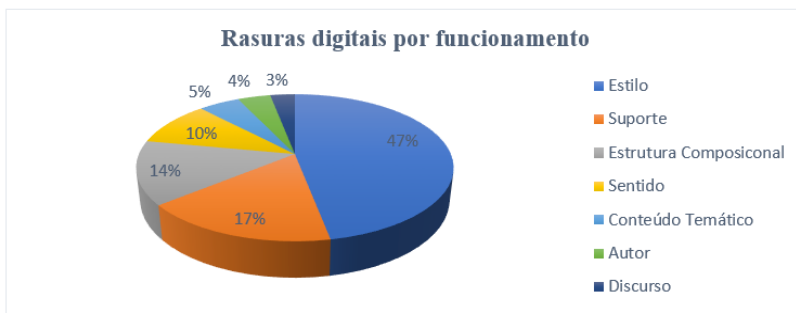
Na seção seguinte, apresentam-se os resultados da análise.

Rasura digital, atuação da memória digital e índice de negociação com diferentes *outros*

Neste estudo, como antecipado, o objetivo é identificar os modos como se mostram, na atuação da memória digital, as negociações do sujeito-escrevente com os diferentes Outros constitutivos do (seu) dizer, com atenção especial às relações de alteridade mostradas na produção de uma resenha acadêmica, no âmbito de uma prática de letramento acadêmico-científica. Desse prisma, o exame das rasuras digitais identificadas no material de análise permitiu averiguar a existência de seis funcionamentos típicos das rasuras digitais, bem como observar sua distribuição em termos quantitativos, resultados sintetizados no Gráfico 1, a seguir:

¹² Tendo em vista os limites e os objetivos deste artigo, não será explorada a importante diferença qualitativa e quantitativa entre os tipos de rasuras identificados. Para uma discussão a esse respeito, consultar Machado (2021).

Gráfico 1 - Distribuição das rasuras digitais por funcionamento



Fonte: Dados da pesquisa.

Conforme o Gráfico 1, 47% (290) das rasuras digitais sinalizaram negociação com Outro Estilo. O estilo, à luz do que propõe Bakhtin (2003), é determinado pelas esferas da atividade humana nas quais um enunciado concreto se inscreve, podendo variar devido à relação valorativa do sujeito (falante ou escrevente) com o objeto do seu discurso e com o endereçamento¹³ projetado para o seu dizer, ambos determinantes para as “escolhas”¹⁴ estilísticas feitas pelas escreventes. A relação valorativa estabelecida pelas escreventes com o endereçamento presumido para a (sua) escrita conduziria, portanto, às negociações com algumas possibilidades de emprego de recursos lexicais e gramaticais que as escreventes pressuporiam como sendo os mais apropriados à (sua) escrita nessa prática de letramento.

A maior recorrência dessas rasuras constitui forte indício da atuação da memória digital. Por um lado, vê-se a atuação do autômato do computador que, ao sugerir caminhos, toma a palavra como sinal a ser identificado e validado pelas

¹³ O endereçamento é aqui interpretado, à luz da proposta de Bakhtin (2003), como um elemento constitutivo dos gêneros discursivos. Assim como existem estilo, estrutura composicional e tema típicos e relativamente estáveis, também o endereçamento “e as diferentes concepções típicas de destinatários são peculiaridades constitutivas e determinantes dos diferentes gêneros do discurso” (Bakhtin, 2003, p. 305).

¹⁴ O distanciamento marcado pelas aspas é uma tentativa de fazer lembrar a noção de sujeito que atravessa a reflexão proposta neste artigo, muito longe de um sujeito que domina as suas vontades.

escreventes, a partir de um inventário criado pelos caminhos previstos por diferentes escreventes e sob os quais reside uma noção equívoca de homogeneidade da língua (e, por extensão de seu modo de enunciação escrito). Nas rasuras em que se vê a negociação com Outro Estilo, há certo cálculo de problemas previstos pelo autômato, vinculados à língua como sinal/código lógico-matemático, sob privilégio de uma variedade linguística prestigiada. Contudo, por outro lado, validar ou não essas sugestões do autônomo estaria vinculado às imagens projetadas pelas escreventes sobre, por exemplo, como atender ao estilo de escrita subjacente ao endereçamento presumido para o gênero “resenha acadêmica”, como será demonstrado adiante.

A segunda negociação mais recorrente se deu com Outro Suporte (17%). Os suportes, como no estudo de Komesu (2014), não são compreendidos aqui como canal físico, veículo ou meio de base física separada da linguagem, mas como dispositivos por meio dos quais os gêneros discursivos circulam. O suporte participa do processo de produção de sentidos e, como tal, é determinado por algumas regras de funcionamento, nem sempre reconhecidas pelas escreventes. As rasuras digitais ligadas a Outro Suporte sinalizam negociações com o deslocamento “digital/escrever” e, de modo mais recorrente, com a necessidade de padronização da definição de espaços, em especial, entre o registro de uma palavra e uma pontuação (ausência de espaço após vírgula e pontuação ou delimitação rigorosa de espaços entre palavras). Nas rasuras digitais emergentes dessa negociação parece agir, ao mesmo tempo, um algoritmo (que comporta, por exemplo, verificadores de excesso de espaços) e a imagem que as escreventes fazem da (sua) escrita e da (sua) escrita no digital, em que, por exemplo, as idiossincrasias de espaçamento são menos flexíveis que na escrita manuscrita.

A terceira maior incidência de negociação se deu com Outra Estrutura Composicional (17% das rasuras identificadas). Para Bakhtin (2003), todos os enunciados têm uma forma padrão (ou esquemas sequenciais prototípicos), relativamente estável, de estruturação do todo, nomeada por ele como “estrutura composicional”. Nas rasuras digitais em que se observa a negociação com Outra Estrutura Composicional, veem-se engendrar-se relações intergenéricas, em particular, relações entre as estruturas composicionais de gêneros diferentes, numa “convivência sincrônica” entre gêneros (*cf.* Corrêa, 2006).

As negociações com Outro Sentido corresponderam a 10% das rasuras identificadas. Essas rasuras resultam da não coincidência das palavras com elas mesmas, correspondentes às glosas que designam fatos de polissemia e de homonímia, por meio de rejeição, ora especificando um sentido contra o outro, ora integrando sentidos (*cf.* Authier-Revuz, 2004, p. 83) e colocam em cena a consubstancial possibilidade de equívoco, sempre lá, mas apagada pela ilusão da constituição da língua como sistema acabado. Sinalizam, portanto, a língua imersa em infinitas singularidades, num “jogo” inevitável de nomeação. Nessas ocorrências, as escreventes excluem um sentido e “procuram” outro sentido numa rede de sentidos possíveis historicamente, alçando à língua valorada pelo endereçamento por elas projetado nas práticas acadêmico-universitárias. Esse “Outro” sentido pode ser, também, “ilusoriamente escolhido mediante as recomendações definidas pelo algoritmo que ‘lineariza’, por assim dizer, o interdiscurso, reduzindo o saber discursivo a um pacote de informações, ideologicamente equivalentes, sem distinguir posições” (Orlandi, 2020, p. 15). Dada essa dupla possibilidade, atuaria a memória digital que, ao mesmo tempo em que acomoda sentidos sugeridos pelo

algoritmo, também abre espaço para outros sentidos, aqueles não sugeridos, mas buscados pelas escreventes que estabelecem uma relação valorativa com o enunciado e seu endereçamento, visando a alcançar o sentido presumido como apropriado e superior, a escrita acadêmico-científica, no interior de uma resenha acadêmica.

Dentre as rasuras digitais menos recorrentes, foram identificadas apenas 5% ligadas às negociações com Outro Conteúdo Temático. O conteúdo temático, no enquadramento teórico considerado neste estudo, não se restringe ao assunto, mas se refere “à maneira como o gênero seleciona elementos da realidade e como os trata na constituição de seu objeto de discurso” (Pereira, Braga, 2015, p. 312). Trata-se, no sentido de Bakhtin (2003), de uma negociação com o objeto de discurso do gênero, sua unidade de sentido e sua orientação ideológica. Nas ocorrências que mostram negociações com Outro Conteúdo Temático, atuam as diferentes práticas linguageiras que produzem efeitos sobre a imagem de qual conteúdo valorar, o dizível na produção de uma resenha acadêmica, inserida numa prática social de escrita acadêmico-científica. No caso dos dados analisados aqui, por exemplo, quando professores solicitam a acadêmicas de Pedagogia a escrita de uma resenha acadêmica sobre educação, os enunciados produzidos também se dirigem à educação, ao que é permitido ou proibido dizer sobre e para este conteúdo temático.

Outra negociação pouco recorrente, assinalada no Gráfico 1, se deu com *Outro Autor*, correspondendo a 4% das ocorrências identificadas. Nessas ocorrências, as rasuras digitais manifestaram a negociação com a possibilidade de outro autor-criador (cf. Bakhtin, 2003)¹⁵. Negociar com

¹⁵ O autor-criador para Bakhtin (2003) não corresponde ao autor pessoa, mas um elemento constitutivo do gênero discursivo, posição axiológica, participante autorizado pelo leitor, que representa aquele que fala a partir de determinada posição ocupada em relação ao seu interlocutor, com base nas diferentes vozes valoradas pelo autor-pessoa.

outro autor-criador não se trata de negociar com o autor-homem ou autor-pessoa, mas negociar com certa posição axiológica (compreendida como o resultado de entrelaçamento de vozes sociais e históricas), refratada e refratante, porque construída a partir da imagem valorada por esse autor-pessoa, absorvendo e refletindo a multiplicidade de vozes do mundo. Mostra-se, nessas ocorrências, o rompimento da ilusória univocidade do (seu) dizer, sinalizando o encontro entre diferentes autores-criadores.

Por fim, foram identificadas apenas 3% de rasuras digitais ligadas à negociação com Outro Discurso. Essa negociação se instaura por meio da emergência de palavras que remetem a uma outra realidade concreta de determinada condição discursiva (Authier-Revuz, 1998), em fronteiras entre o interno (eu falo) e o externo (algo que fala em outro lugar). Nas rasuras digitais analisadas, observa-se um embate de posições discursivas divergentes sobre a temática do livro resenhado, tais como educação, inclusão e conhecimento, como demonstrado mais adiante.

Dados os limites do presente artigo, a seguir, analisa-se de forma mais detalhada a negociação mais recorrente (Outro Estilo) e a de menor recorrência (Outro Discurso) que se manifestaram por meio do tipo de rasura mais frequente no *corpus* (a substituição), a fim de melhor caracterizar os achados de pesquisa.

1. Rasuras digitais e atuação da memória digital na negociação com Outro Estilo

Quando manifestada por meio da substituição (forma mais recorrente de rasuras digitais), as negociações com Outro Estilo ligavam-se às seguintes questões de estilo:

Tabela 1 – Rasuras ligadas à negociação com Outro Estilo

MARCAS LINGÜÍSTICAS	SUBSTITUIÇÃO
Dimensão ortográfica	21,1% (61)
Dimensão oracional	15% (43)
Pontuação	10,4% (30)
Dimensão sintática	4,5% (13)
Vocabulo por ele mesmo	6,5% (19)
Definição de espaços em branco	0,7% (2)
Nomeação	0,7% (2)
Total	58,6% (170)

Fonte: Dados da pesquisa.

Em todas as 170 rasuras nas quais se vê negociações com Outro Estilo via substituição, as escreventes e a (sua) escrita, sob atuação da memória digital, buscam alçar-se à escrita valorizada pelo endereçamento do gênero, mas, também, à língua e às práticas de ensino tradicional nas quais as características percebidas como mais estritamente linguísticas da escrita (como as convenções ortográficas) são valoradas. As negociações com Outro Estilo emergem, assim, das imagens que as escreventes fazem sobre si, sobre o endereçamento preferencial do gênero que estão produzindo, sobre a (sua) escrita, bem como sobre a própria tecnologia envolvida no funcionamento do aplicativo *Google Docs*. Além disso, nessas negociações, vê-se (escrevente e escrita) na busca por atender às exigências presumidas da variedade legitimada pela comunidade na qual as escreventes visam a se inserir, ou seja, a acadêmico-científica.

Nessas rasuras, como demonstra a Tabela 1, ganham destaque aspectos gráficos, ortográficos, sintáticos etc., conforme exemplifica a rasura a seguir:

Figura 2 - Rasura digital - substituição - negociação outro estilo

discussão de obras clássicas da cultura, valorizando e enriquecendo o âmbito cultural de viveências pessoal. Aponta também que no que diz respeito ao

Fonte: Dados da pesquisa.

Na Figura 2, a escrevente registra “vivencias” e, depois, substitui “e” por “ê”, inserindo um sinal de acentuação previsto pelas convenções ortográficas. Trata-se de uma das rasuras com maior índice no material analisado (rasuras na dimensão ortográfica, referentes a 21,1% das rasuras com Outro Estilo). Possivelmente, a acentuação gráfica tornou-se lugar de rasura (e, portanto, de negociação) pela denúncia (marcação tachada em vermelho abaixo da palavra) realizada pelo aplicativo, constituindo-se, portanto, momento no qual a escrevente é levada a considerar a (sua) escrita como registro de um código lógico-matemático, mas também um signo que pode ou deve adequar-se a um determinado endereçamento, o acadêmico-científico. Logo, se instauraria o que Dias (2018) considera lugar de contradição (próprio da memória digital), pois haveria o encontro entre o espaço da repetição (algoritmo) que se inscreve no funcionamento do interdiscurso (aquilo que pode e deve ser escrito na resenha acadêmica).

O fato de a maioria das rasuras digitais identificadas ocorrerem ligadas à negociação com Outro Estilo, por meio da substituição (tipo de rasura privilegiado pela máquina, que denuncia e apresenta sugestões de escrita) e o fato de recaírem sobretudo características da escrita percebidas como mais estritamente linguísticas (como as convenções ortográficas), permite inferir que, na escrita de uma resenha acadêmica, por meio de recursos digitais, o estilo, considerando as diferentes possibilidades gramaticais, fraseológicas e gramaticais abertas

pela língua, vinculou-se a ajustamentos locais higienizadores, voltados meramente para a adequação.

Não se pode perder de vista que a escrita no ambiente *Google Docs* possibilita mecanismos “facilitadores”, que propõem correções à luz de um padrão de escrita esperado para o idioma selecionado. Haveria, nessas ocorrências, certo cálculo de problemas previstos pelo autômato, vinculados à língua como sinal/código lógico-matemático, sob privilégio de uma variedade linguística prestigiada. Contudo, validar ou não as “sugestões” do aplicativo é tarefa do sujeito e de suas experiências sócio-históricas com a linguagem, com a língua, com a escrita e com as práticas acadêmico-científicas. Portanto, essas sugestões estabeleceriam um diálogo com as diferentes imagens projetadas pelas escreventes sobre como atender ao estilo de escrita subjacente ao endereçamento presumido para o gênero discursivo a ser escrito.

Rasuras digitais e atuação da memória digital na negociação com Outro Discurso

Neste estudo, em apenas 3% (21) das rasuras digitais analisadas, pôde-se observar o embate de posições discursivas divergentes, ou seja, pôde-se observar o que aqui é denominado de negociação com Outros Discursos. Quando essa negociação ocorre por substituição (forma mais recorrente de rasura digital presente no material analisado nesta pesquisa), identificou-se apenas 9 rasuras, conforme síntese presente na Tabela 2:

Tabela 2 - Rasuras ligadas à negociação com Outro Discurso¹⁶

MARCAS LINGÜÍSTICAS	SUBSTITUIÇÃO
Conhecimento: senso comum e/ou ciência	9,5% (2)
Papel da escola, da família, do professor	19% (4)
Educação como salvadora e/ou direito	-
Natureza humana e o outro	4,7% (1)
Educação inclusiva: direito ou desejo	4,7% (1)
Ser profissional: bem comum e/ou bem coletivo	-
Negacionismo e/ou escolha	4,7% (1)
Total (100% -21)	42,8 (9)

Fonte: Dados da pesquisa.

Esse conjunto de rasuras digitais deixam ver o encontro entre diferentes discursos, ligados ao conteúdo temático do gênero discursivo pretendido pelas escreventes, remetendo sempre a pelo menos duas realidades concretas, numa fronteira entre “eu falo aqui” e “algo fala em outro lugar” (cf. Authier-Revuz, 1998). Essas rasuras permitem inferir que as escreventes estão sob o efeito de um aparente conflito com diferentes já ditos que habitam os discursos, por exemplo, sobre o senso comum e/ou ciência ou sobre o papel da escola, da família, do professor, como pode ser vislumbrado no exemplo a seguir:

¹⁶ Na Tabela 2, dois tipos de marcas linguísticas (“Educação como salvadora e/ou direito” e “Ser profissional: bem comum e/ou bem coletivo”), embora presentes no *corpus* analisado, não se manifestaram como rasuras via substituição.

Figura 3 - Rasura digital - substituição - outro discurso

~~o direito educacional a todos. Para suprir esta garantia recomenda-se que as escolas e os professores foquem em realizarem projetos político-pedagógicos, salas de aula com foco no aprendizado de todos, trabalhar as diferenças em sala de aula, organização de grupos de estudos contínuos, trabalho transdisciplinar, como forma de leitura e compreensão da realidade, reorganização do tempo e espaço de forma flexível, investimentos na infra-estrutura, revisão do processo de avaliação e de seus resultados, formação em serviço, estar sempre se aprimorando. Assim sendo a escola regular tem de ter como realidade estas medidas em relação à~~

Resenha

BRASIL. Ética e Cidadania: construindo valores na escola e na sociedade. Brasília - DF: MEC, 2007.

~~inclusão. Deixando de para trás~~ foquem em diversas medidas para verificação de que a escola está sendo receptiva a inclusão.

Fonte: Dados da pesquisa.

Na Figura 3, a escrevente registra “recomenda-se que as escolas e os professores foquem em: realizarem projetos políticos pedagógicos”, posteriormente substitui esse trecho por “recomenda-se aos professores foquem em diversas medidas para verificação de que a escola está sendo receptiva a inclusão”. Nota-se a marcação de uma fronteira entre si e o Outro, por diferença, uma vez que há um deslocamento de um discurso relativo à função da escola e dos professores versus um discurso sobre a função dos professores em relação à implementação de práticas inclusivas. O professor passa de executor do projeto (versão 01) para fiscalizador (versão 02), operando o interior (eu falo aqui) com o exterior (algo fala em outro lugar). Parece haver, portanto, um embate entre os diferentes já ditos ligados a esse conteúdo temático, bem como um deslocamento de posições axiológicas em relação ao dito, uma vez que se notam indícios de diferentes papéis sócio-historicamente ocupados pelo autor-criador “professor”. Ademais, ao substituir “escolas e

professores”, como agentes responsáveis pela mudança por apenas “professores”, atualiza-se um discurso de desresponsabilização da escola e, conseqüentemente, do Estado, apagando a ideia de inclusão como responsabilidade compartilhada e direito assegurado e transferindo a responsabilidade para a esfera individual (professores) e não institucional.

Vale considerar que a baixa recorrência de rasuras digitais ligadas a negociação com o Outro Discurso pode ter sido reforçada pelo fato de que, nesse tipo de negociação, são estabelecidas relações que não podem ser algoritmizadas. Nota-se um encontro marcado por palavras que evocam discursos constituídos sócio-historicamente entre diferentes posições de sujeito não mapeadas pelo algoritmo.

Considerações finais

Assumiu-se neste estudo a natureza heterogênea da língua, da linguagem e da escrita, a complexidade dos sujeitos sócio-historicamente constituídos e uma visão que pressupõe a não existência de poderes intrínsecos às tecnologias digitais. Desse lugar de observação, buscou-se identificar indícios da atuação da memória digital e das não coincidências enunciativas materializadas nas rasuras digitais, analisando esses gestos de retorno do escrevente sobre a (sua) escrita, na busca por tendências nas negociações das escreventes com os diferentes Outros constitutivos do (seu) dizer, a fim de construir uma reflexão teórico-analítica sobre a natureza das relações de alteridade mostradas na produção de uma resenha acadêmica, no âmbito de uma prática de letramento acadêmico-científica.

Pôde-se observar que as rasuras digitais acomodam, por um

lado, os sentidos da máquina, algoritmizados e frutos de uma concepção de língua homogênea e, por outro, os deslocamentos de sentidos abertos pela diversidade social e histórica dos sujeitos que enunciam, da língua e da escrita. Haveria, portanto, uma atuação constituída por sujeito, máquina e discurso, sendo incoerente pensar apenas em um algoritmo “oferecendo” sugestões ao escrevente, já que existem sujeitos evocando sentidos por meio dos já ditos, pois a memória digital é, ao mesmo tempo, da ordem do histórico e da repetição algorítmica.

A comparação entre as rasuras mais recorrentes e menos recorrentes permitiu considerar a existência de outras tendências nos modos como se mostravam as negociações realizadas pelas escreventes com os diferentes Outros que constituem o (seu) dizer. O fato de a maioria das rasuras digitais sinalizarem a preocupação com o Outro Estilo e, em contrapartida, a minoria das rasuras indicarem negociações com Outro Discurso é um dado importante (e preocupante) a ser considerado. Na produção de uma resenha acadêmica, no âmbito de uma prática de letramento acadêmico-científica, tem maior atuação e maior força coercitiva a busca pelo ajustamento da escrita a uma noção prescritiva e higienizadora da língua e da escrita, que visa unicamente à adequação. Essa visão não está circunscrita à atuação da “máquina” (do aplicativo *Google Docs*), mas, também, vincula-se às práticas de letramento quais as escreventes são/estão filiadas.

Por fim, destaca-se a importância de pesquisas como a apresentada neste artigo, cuja proposta seja problematizar a escrita digital, sem olhar para esse digital como salvador, aderindo à perspectiva de que as práticas de leitura e de escrita em contexto digital teriam um valor inerentemente positivo de acessibilidade

e de poder; nem aderindo a uma perspectiva saudosista de que a escrita digital aniquilaria o “verdadeiro” processo de escrita; mas, sim, observando como as tecnologias digitais participam da construção de sentidos, como podem conduzir a um apagamento do escrevente e a uma homogeneização do dizer/escrever, e, sobretudo, como seria possível (e desejável) utilizar a máquina ao invés de ser coisificado por ela, uma vez que essa é uma realidade imposta às atuais práticas de letramento, bem como aos processos de ensino de aprendizagem da escrita.

Referências

AUTHIER-REVUZ, J. Heterogeneidade(s) enunciativas. *Caderno de Estudos Linguísticos*. Campinas, v. 19, p. 25-42, jul./dez., 1990.

_____. *Palavras incertas: as não coincidências do dizer*. São Paulo: Editora UNICAMP, 1998.

_____. *Entre a transparência e a opacidade: um estudo enunciativo do sentido*. Porto Alegre: EDIPUCS, 2004.

BAKHTIN, M. M. *Estética da criação verbal*. Tradução de Paulo Bezerra. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003. p. 261-306.

CALIL, E. Rasura oral e autonomia no processo de escritura. *Letras Hoje*, v. 39, n. 3, p. 207-221, 2004.

_____. Modalizações autonômicas como marcas de subjetividade em processos de criação. *Intercâmbio*, v. XV, p. 1-12, 2006. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/intercambio/article/view/3659/2390>. Acesso em: 08 abr. 2025.

CALIL, E.; FELIPETO, S. A singularidade do erro ortográfico nas manifestações d'alíngua. *Estilos de Clínica*, v. XIII, n. 25, p. 118-137, 2008.

CAPRISTANO, C. C. Um entre outros: a emergência da rasura no processo de aquisição da escrita. *Revista Linguagem em (Dis)curso*, v. 13, n. 3, p. 667-694, 2013.

CHACON, L. O que é a escrita? In: OTHERO, G. A.; FLORES, V. N. *O que sabemos sobre a linguagem: 51 perguntas e respostas sobre a linguagem humana*. São Paulo: Parábola, 2002. p. 163-167.

CIRILLO, J. Acervos digitais e crítica genética: ferramentas para as memórias de uma escritura digital. In: TELLES, C. M.; SANTOS, R. B. dos (org.). *Filologia, críticas e processos de criação*. Curitiba: Appris, 2012.

CORRÊA, M. L. G. A inter-incompreensão polêmica e sua versão solipsista em práticas de leitura emergentes. *ComHumanitas*, v. 11, n. 1, 2020.

_____. Relações intergenéricas na análise indiciária de textos escritos. *Trabalhos em Linguística Aplicada*, Campinas, v. 45, n. 2, p. 205-224, 2006.

DIAS, C. *Análise do discurso digital: sujeito, espaço, memória e arquivo*. Campinas: Pontes, 2018.

ERWAY, R. Defining “Born Digital”. *Online computer library center*: Estados Unidos, 2010. Disponível em: <https://www.oclc.org/content/dam/research/activities/hiddencollections/borndigital.pdf>. Acesso em: 08 abr. 2025.

FERRAGUT, G. MPL e MBL: a avenida Paulista e o movimento antes de p e b – uma reflexão sobre a formação algorítmica. *Linguas e instrumentos linguísticos*, n. 44, jul./dez., 2019.

GINZBURG, C. Chaves do Mistério: Morelli, Freud e Sherlock Holmes. In: ECO, H.; SEBEOK, T. A. *O signo de três*. São Paulo: Editora Perspectiva, 1983.

GÓES, S. R. *Estudo do processo criativo da tradução e interpretação em Janela de libras da animação fílmica Raccoon & Crawfish: percorrendo caminhos digitais*. 2018. Tese (Doutorado) – Universidade Federal da Bahia. Instituto de Letras, Salvador, 2018.

LEBRAVE, J. La critique génétique: une discipline nouvelle ou un avatar de la philologie? *Genesis*, Paris: ITEM/CNRS, n. 1, p. 42, 1992.

MACHADO, T. H. S. *Rasuras ligadas à segmentação de palavras na escrita infantil*. 2014. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Estadual de Maringá – UEM, Maringá, 2014.

MACHADO, T. H. S.; CAPRISTANO, C. C.; JUNG, N. Letramento acadêmico: dimensões mostradas e escondidas em rasuras em contexto digital. *Revista Linguagem e Ensino*, Pelotas, v. 22, n. 3, p. 933-956, 2019.

MACHADO, T. H. S. *Rasuras digitais na escrita acadêmico-científica: a constituição da escrita do gênero resenha*. 2021. Tese (Doutorado em Letras) – Universidade Estadual de Maringá – UEM, Maringá, 2021.

MACHADO, T. H. S.; CAPRISTANO, C. C. Rasuras ligadas à segmentação de palavras na aquisição da escrita. *Educação em Revista*, v. 32, n. 1, p. 337-364, 2016.

NAU, Jonathan; HAENDCHEN FILHO, Aluizio; PASSERO, Guilherme; CAVACO, Vinicius. Uma ferramenta para identificar desvios de linguagem na Língua Portuguesa. In: *Simpósio brasileiro de Tecnologia da Informação e da Linguagem Humana* (STIL), 1., 2017, Uberlândia/MG. *Anais* [...]. Porto Alegre: Sociedade Brasileira de Computação, 2017. p. 12-16.

ORLANDI, E. P. *Discurso e texto*. Formulação e circulação dos sentidos. Campinas: Pontes, 2012.

ORLANDI, E. P. *Interpretação: autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico*. Campinas: Pontes, 2020.

PÊCHEUX, M.; FUCHS, C. A propósito da análise automática do discurso: atualização e perspectivas. In: GADET, F.; HAK, T. (org.). *Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux*. Tradução de Péricles Cunha. 5. ed. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2014 [1975]. p.163-252.

RINO, L. H. M. *et al.* Aspectos da construção de um revisor gramatical automático para o português. *Anais do XXXI Gel Estudos Linguísticos*, 2002.

SALARELLI, A.; TAMMARO, A. M. *A biblioteca digital*. Tradução de Antonio Agenor Briquet de Lemos. Brasília: Briquet de Lemos / Livros, 2008 [2006].

WILLEMART, P. A crítica genética hoje. *Alea: Estudos Neolatinos*, v. 10, n. 1. jan./jun., p. 130-139, 2008.

ZULAR, R. Criação em processo. *Ensaio de crítica genética*. São Paulo: Iluminura, 2002.